



Folias de Reisados do Vale do Jequitinhonha em Itagimirim/Ba: Memórias, saberes e sociabilidades

*Revelations of Reisados from Vale do Jequitinhonha in Itagimirim/Ba:
Memories, Knowledge and sociability*

Jairo Viana de Castro¹
Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB

Joceneide Cunha dos Santos²
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

RESUMO

Este artigo descreve alguns dados de uma pesquisa que teve como objetivo evidenciar os saberes oriundos de memórias e a didática que foliões e folionas que realizam as Folias de Reisado desenvolvem no planejamento e execução dos cortejos em Itagimirim, Bahia. Os diversos saberes do Reisado possuem um grande potencial e possibilita uma aproximação ao ensino formal. Para isso se faz necessário observar e aprender através da oralidade. Utilizamos como fontes para este artigo as entrevistas e relatos dos foliões em roda de conversa. Por fim, ressaltamos que os cantos, danças e manuseios dos instrumentos são importantes aprendizados que são compartilhados e também contribuem como signos de identidades na fronteira, neste foco de análise os grupos étnicos e raciais.

Palavras-Chave: Reisado. Memórias, Saberes

ABSTRACT

This article describes some data from a research that aimed to highlight the knowledge derived from memories and the didactics that revelers and revelers that carry out the Folias de Reisado develop in the planning and execution of the processions in Itagimirim, Bahia. The diverse Knowledge of Reisado has great potencial and allows an approximation to formal education. For that, it is necessary to observe and learn through orality. We used as sources for this article the interviews and reports of revelers in conversation. Finally, We emphasize that the singing, dancing and handling of the instruments are important learnings that are shared and also contribute as signs of identities on the border, in this focus of analysis the ethnic and racial groups.

Keywords: Reisado. Memories, Knowledge

¹ Neto e filho de folião de Reisado. Licenciado em História pela Universidade do Estado Bahia, campus XVIII (UNEB), Mestre em Ensino e Relações Étnicos Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia, campus Sosígenes Costa (UFSB). <https://orcid.org/0000-0003-2642-3901>. Email: castroviana.j@gmail.com. Endereço: Rodovia BR-367, Km 10, S/n, Zona Rural, Porto Seguro - BA, 45810-000.

² Doutora em História Social, professora da Universidade do Estado da Bahia, campus XVIII (UNEB). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). <https://orcid.org/0000-0002-7728-676X>. E-mail: jocunha@uneb.br. Endereço: Av. David Jonas Fadini, 300 - Stela Reis, Eunápolis - BA, 45823-035.



Introdução

Problematizar os aprendizados das folias de Reisado nas escolas formais faz-se necessário devido a tantos brasileiros que negam ou desconhece suas histórias, sobretudo das localidades que têm os reisados, a exemplo de algumas cidades da Bahia. Os reisados possibilitam conhecer um movimento cultural e popular, que as escolas não ensinam. Conhecer essas manifestações e suas lutas de resistência e estratégias é significativo para compreender os conflitos sociais e a desigualdades e carências educacionais nesta localidade do extremo sul baiano, estes grupos que transmitem seus saberes com a oralidade tornaram-se importantes para o desenvolvimento econômico desse território e país.

A cidade de Itagimirim-Ba é constituída por uma população Indígena, negra e alguns desses também são migrantes, que tiveram que movimentar dentro de seus territórios de identidades, para servi uma lógica global de subordinação e inferioridade, que ocultou os saberes da oralidade popular e suas didáticas de transmissão de conhecimento as gerações, mesmo com essa grande multiplicidade de povos e valores culturais. Os Dados do IBGE de 1980 apontam que em Itagimirim apenas 521 pessoas se declararam como negros e negras, homens 311 e mulheres 210. Os institutos do Estado neste período citado ainda ocultavam os povos indígenas, em seus censos demográficos.

Este estudo vem fazendo um apontamento e levantamento que possibilita também um aprendizado sobre a história dos negros no pós-abolição das zonas rurais e urbanas.

Um material foi colhido das folias de Reisado da cidade de Itagimirim Bahia, cidade localizada no extremo sul, nas proximidades do Rio Jequitinhonha lado baiano, também pertencente à Costa do Descobrimento. Teve como foco às expressões desses grupos que realizam os cortejos festivos anualmente pelas ladeiras, ruas e avenidas urbanas, nos distritos e zonas rurais. Um movimento sagrado, alegre e resistente, que mesmo que batucam, cantam e dançam pela cidade, torna-se ocultados e silenciados por Itagimiriense que negam e rejeitam suas próprias identidades. Mesmo assim o Reisado mantém-se vivo e presentes em seus costumes e fazeres continuando formando identidades.



Este trabalho de pesquisa analisa os festejos de São Sebastião através dos grupos de folias de Reisado como criadores de saberes e transmissores desses conhecimentos que (re)cria e forma identidades. O ensino e aprendizagem nos períodos dos cortejos são memorizados e desenvolvem valores que possibilitam afirmação de diferenças e alteridade dentro da festividade pelos dois grupos que realizam a manifestação cultural de forma independente, negociando e mantendo suas expressões na sociedade moderna.

Do povo tupinambá da Serra do Padeiro na região de Ilhéus-BA, aos Aimorés de Itagimirim-BA e Pataxós de Porto Seguro- BA, bem como os negros incluindo migrantes mais recentes utilizaram o cantar e o dançar do Reisado como forma de comunicação e movimento de resistência, que foi ocultada e silenciada. Todavia, manifestação cultural que caminhou e conseguiu sincronizar com a modernidade urbana, sendo ressignificada para tornar viva e latente, em cada ideia, corpo que se movimenta com seus batuques que se envolve nas rodas de contradanças. E ressaltamos que o culto a São Sebastião é comum nos atuais: sul e extremo Sul da Bahia. Oliveira e Trigo (2017) nos mostra a Festa da Puxada de Mastro de Olivença em Ilhéus, Sul da Bahia, como uma marca identitária dos indígenas. O mastro é retirado e é colocado na frente da Igreja de Nossa Senhora da Escada no dia 20 de janeiro, dia consagrado ao Santo. Gean Gonçalves (2014) também aponta um culto forte a São Sebastião na Comunidade Quilombola de Helvécia, localizado no município de Nova Viçosa, Extremo Sul da Bahia, sobretudo nos terreiros de religião afro-brasileira. Assim, São Sebastião é cultuado na região por negros e indígenas. No entanto, em Itagimirim, a maneira de homenageá-lo é através das folias. Trazendo talvez uma marca do Vale do Jequitinhonha de louvar aos Santos, através das folias.

Analisando o período colonial do século XVIII ao XIX e a dinâmica da Capitania de Porto Seguro de projeto a processo de colonização reformista, Cancela (2012) destaca que:

Datado do início da década de 1760, o projeto reformista destinado à colonização do território porto-segurense se baseou tanto no movimento de secularização em curso na sociedade portuguesa, quanto no fortalecimento das práticas mercantilistas nos domínios coloniais. Ao tentar construir um modelo alternativo de administração para a antiga donatária, o reinado Josefino transformou a capitania numa ouvidoria subordinada ao governo geral da Bahia e nomeou um magistrado régio para ministrar a justiça, instituindo mecanismos mais sofisticados de fiscalização e centralização do poder. Com vistas a integrar a região ao sistema colonial (...). Atuando no mundo do trabalho, seriam obrigados a abrir roças de mandiocas e a

prestar serviços compulsórios aos colonos lusos brasileiros (CANCELA, 2012. p 18).

O modelo mercantilista que subalternizou a população desse território utilizou-se dos rios. O Rio Jequitinhonha teve um papel de destaque, conhecido no período colonial como Rio grande de Belmonte, ou ainda Paticha pelos povos indígenas, por ter sido o meio utilizado para escoar as riquezas locais. O sistema de canoagem transportava os gêneros alimentícios, possibilitando trocas comerciais, mas além dessas as trocas culturais. Pois o vale do Jequitinhonha é um território de Fronteira, que teve destacamentos militares: locais de paradas na rota fluvial de comércio e celeiros das folias de Reisado, os limites eram entre as Capitanias de Ilhéus, Porto Seguro e Minas Gerais. (MAIA, 1936, pp.53-55)

Ao abrir canais de comunicações terrestres na Capitania de Porto Seguro segundo Francisco Cancela (2012) os poderes econômicos da capitania; “(...) determinou sua transformação num pólo produtor de gêneros alimentícios para abastecer os principais centros urbanos da colônia, fomentando a dilatação da ocupação territorial, a expansão das atividades agrícolas e extrativistas e a construção de canais de comunicação terrestre com o Rio de Janeiro (...)”. Sendo assim fazendo surgir uma atividade chamada de tropeiros, homens que percorria o vasto território brasileiro. Por dentro das matas e no lombo dos cavalos e asno levando os diversos produtos agrícolas, panos e sal, os tropeiros também foram determinantes para o caminho cultural das folias de Reisado, em louvor a São Sebastião, suas comunicações e expressões de fé chegaram a lugares mais distantes como a capital do Rio de Janeiro.

Além dos tropeiros outro personagem importante nessa região eram os canoeiros, que transitavam entre Minas Gerais e a foz do Rio em Belmonte. Esse personagem transportava pessoas, mercadorias e também contribuíram para (re)construções culturais na região do Vale do Jequitinhonha. Sertanejos, barqueiros que viajavam pelo Rio, nas suas paradas tocavam viola, cantavam músicas românticas, satíricas, além de serem grandes conhecedores do tempo. (MAIA, 1936, p.63)

Músicas e saberes viajavam pelo Rio com canoeiros ou com os tropeiros. Através das cantorias e das danças que tinham mensagem de estratégia, defesa e luta popular e cultural. No entoar de uma contradança, os foliões comunicam uma mensagem de luta e resistência,



como descreve a letra da contradança; “Eu tano mais os meninos e os meninos tano mais eu, se haver revolução, nem os meninos corre, nem eu”; versos entoados por Jonas de Castro folião de Reisado, nascido no ano de 1941, agricultor que também domina os saberes do manejo com animais.

Os tropeiros eram: indígenas e seus descendentes, negros e mestiços, muitos desses migrantes, que tinham no Reisado em louvor a Oxóssi, entidade das matas. Guardiã popular de uma forma de expressar modos de vidas, e criar mecanismos de transmitir seus saberes e religião as novas gerações utilizando a musicalidade e religiosidade, em forma de danças e contradanças de fé, festa e festejos, em cada ponto de parada essas identidades vivas e latentes eram movimentadas.

De olhos e ouvidos atentos às crianças e jovens internalizam cada movimento, estão sempre misturados e solícitos para ajudarem os adultos em cada tarefa, sempre de forma descontraída e aprendendo diversos detalhes para execução do festejo. Um currículo invisível que se apresenta através de expressões e conhecimento sendo executado através da sociabilidade e nas rodas de contradanças da folia de Reisado. Presentes nos espaços as crianças e jovens ajudam na preparação observando e tentando dominar a musicalidade cantada, tocada e dançada, essas sensibilidades e apropriações mesmo que informal treina e constrói saberes, que são passo a passo sendo memorizado no compasso do tempo.

Essas gerações que recebem, também ecoam os saberes das folias de Reisados, neste sentido contribuíram para adaptarem mudanças no interior das festividades, e alguns valores ressignificados são à maneira de sincretizar os conhecimentos da oralidade popular com a sociedade moderna, com as culturas industriais, eruditas e diversas. Com isso mantendo o movimento do reisado vivo, utilizando de diversas estratégias, resistindo e lutando como artesãos de conhecimento e de identidades, reafirmando as diferenças culturais, evidenciando essas diferenças através da música, cantorias, epistemologias, religiosidades, uma vivência de sociedade coletiva através dos foliões e folionas de Reisado.

No decorrer dos cortejos festivos podemos analisar as dificuldades e os conflitos dos povos que habitam o Vale Jequitinhonha da Bahia, em sua maioria agricultores, lavadeiras, costureiras, pedreiros, vaqueiros, canoieiros, pescadores etc. Que tentam sobreviver juntos as suas expressões culturais, estrategicamente para viverem dignamente, sejam nas zonas

urbanas, rurais, nas aldeias, quilombos, terreiros e casas de rezas. Estas pessoas resistem nesta cidade empobrecida contra uma lógica global e capital que expropriam os saberes, riquezas locais, para manterem pequenos grupos no poder. Lutam por moradias, escolas, saúde, dignidade, por comida, pela vida. E (re)constroem juntos os festejos a São Sebastião.

Os adeptos das folias de Reisado em louvor a São Sebastião têm valores, maneiras, normas e regras para desenvolverem os cortejos, sejam as rezas cantadas ou ladainhas, assim como os toques e vibrações dos instrumentos para cada situação e musicalidade. Com toques lentos ou rápidos a depender do momento religioso, os símbolos e códigos são apropriados pelos jovens, às condutas e respeito é fixado em suas aprendizagens. A importância das devoções, dos valores familiares e das pessoas ao redor com suas diferenças, os ensinamentos nas rodas são passados com as músicas cantadas, com rezas, com musicalidade do bumba, triângulo e gaitas, no toque do agogô, pandeiro, no vibrar da caixa percussiva. Bem como através dos cantos ao realizarem as costuras, no cultivo de plantas – tão importante para os povos indígenas e os de terreiro, na preparação das comidas, na maneira de abater um animal para alimentação, seja para uma atividade religiosa ou para a festa, nas histórias de santos, santas, de assombrações, de bichos das matas contadas e recontadas.

É o momento festivo e seus significados que produzem ecos e possibilitam aprendizagens nas crianças e jovens, os saberes são apropriados e memorizados nestes espaços não formais. O desenvolvimento de um currículo invisível é evidenciado, no momento do preparo do e no festejo de forma alegre e descontraída os ensinamentos formam identidades e valores sociais. Estes conhecimentos transmitidos didaticamente estão presentes e fazem parte das experiências cotidianas das crianças e jovens, que se envolve e se identifica com os signos apreendidos.

No decorrer do festejo, bem como no processo de realização que os valores socioculturais dos grupos são transmitidos às crianças e jovens que estão envolvidos e inseridos as várias atividades, as vivências dos seus antepassados são evidenciada através das oralidades, uma maneira de unir passado e presente assim como as diversas pessoas tais como: vizinhos, amigos, familiares. A dinâmica e as experiências vão conduzindo os indivíduos, que desempenham atividades mediante suas atribuições e essas aprendizagens



memorizadas ao longo do tempo que ficam latentes nos festejos, valores e tradições que são ensinados aos mais jovens. Compartilhar conhecimento nas rodas de conversar das salas de estar ou nas cozinhas dos terreiros e salões de rezas, no compasso do cafezinho ou do almoço, assim como no desenvolvimento de saber é muito enriquecedor no momento e/ou preparo do festejo.

A linguagem e signos fundamentais para as estratégicas, resistência e lutas são ensinamentos para novas gerações pertencentes ao grupo, com as linguagens musicais, no movimento do corpo nas danças, no canto das rezas e contradanças, na quadra da lua (fases lunares) para plantar e na culinária, os modos de vida em geral que constituiu a folias de Reisado sendo este movimento cultural construído através do legado dos povos Aimorés, Tupinambás e Pataxós, e algumas nações africanas, dentre elas: os angolas, congos e nagôs.

Marina de Mello e Souza (2002) estuda o catolicismo negro enquanto uma construção da diáspora africana. E nesse catolicismo negro há a presença de reis e rainhas negros, bem como dos cortejos. Para alguns, os cortejos e reis rememoravam ao Reino do Congo e para outros estava associado a um grande Império que alcançava Europa, África, Ásia e América. Esse catolicismo imposto aos africanos escravizados nas Américas foi modificado por esses indivíduos que inseriram elementos das suas religiões tradicionais no interior do catolicismo. A autora para defender isso compara imagens de santos fotografadas no Brasil com os *minkisi*. Ressalta-se que esses cortejos muitas vezes eram incentivados e tinham a participação de padres, diferente dos calundus que muitas vezes eram perseguidos, nesses tinha alimentos e bebidas, oferenda de animais e os batuques. Melo Moraes Filho (1979) nos narra o que ouviu de Silvio Romero sobre a festa de São Benedito em Lagarto- Sergipe, e aponta que nas festas organizadas pelas Irmandades do Rosário, além dos cortejos que envolvia os congos e as taieiras, também havia as danças e bebidas. Dessa forma, conforme citado anteriormente esses cortejos das folias de Reis possivelmente é uma linguagem, uma reconstrução de elementos culturais que carrega legados africanos no seu interior. Esse catolicismo popular e rural porque não afirmar negro que traz no seu interior o cultuar, o festejar que traz a preocupação com as vestes e que inclui o alimento. Que cultua e homenageia o São Benedito bem como a Oxóssi.

Esses valores e experiências didáticos repassados mantêm identidades contribuindo para memória de permanência e continuidade do movimento de sociabilidade, apropriar e recriar nos significados tanto em no Reino africano, como destaque acima, como dentro das folias e também sincretizar com as culturas industriais, erudito com a modernidade, assim escrito por Marta Abreu, 2003, P.89 “é possível construir uma nova perspectiva da cultura popular ou tradicional a partir dos conflitos, intercâmbios e sincretismos com as chamadas culturas das elites, industriais, culturais e a modernidades”. O Reisado pensado como multiétnica, caracteriza com cortejos negros e populares, desenvolvendo uma identidade brasileira.

Convidamos o leitor para ouvir e sentir os toques de nossa percussão Bumba e tambores batucam pela cidade, no chocalhar do bandeiro e na harmonia das gaitas, que dar o compasso para os movimentos corporais da nossa contradança, no ritmo das palmas das mãos, em roda de contradanças, fazemos nossa arte de rua com beleza e musicalidade coreográfica. Com fundo religioso os foliões caminham pelo rural e o urbano em cada rua e avenida, seus cantos, batuques que encantam o público fazendo lembrar os costumes de seus antepassados e suas famílias.

Ao estudar os lugares de memória e sonoridade de bairros negros e periféricos de São Paulo, José Carlos Gomes (2017), descreve as potencialidades dos saberes das músicas negras e que lugares esses conhecimentos são colocados dentro de uma sociedade que inferioriza outras formas de expressões culturais, segundo o autor:

As discontinuidades de imagens, objetos e sons do passado estão no cenário urbano, inscritos nos corações e mentes, nos silêncios, sons e cores, resistindo aos apagamentos materiais e simbólicos. A cidade é aqui entendida como “um discurso, uma linguagem”, mas o direito à expressão não é igualitário, encontra-se em disputa hegemônica e contra hegemônica (SILVA, 2017, p. 184).

Os sons e cores disputam lugares sociais, pois seus movimentos estão nos passos corporais, nos modos de vida no respeito à natureza, no viver feliz mesmo que ocultados, as culturas sociais populares da oralidade sempre se escrevem nas mudanças da modernidade, pois são linguagem e comunicação ancestrais.



Contudo sendo convidados para entrarem nas residências o musical negro de folias de Reisado, com suas experiências o jeito de ser de homens, mulheres, adolescentes e crianças que movimentam os foliões e folionas, que ensina e aprende a situar na sociedade que os aceitam e que os rejeitam suas vivências culturais, para Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva:

É sabido que aprender-ensinar-aprender, processo em que mulheres e homens ao longo de suas vidas fazem e refazem seus jeitos de ser, viver, pensar, os envolve em trocas de significados com outras pessoas de diferentes faixas etárias, sexo, grupos sociais e étnico-raciais, experiências de viver. Tratar, pois, de ensinamentos e de aprendizagens, é tratar de identidades, de conhecimentos que se situam em contextos de culturas, de choques e trocas entre jeitos de ser e viver, de relações de poder (SILVA, 2012, p. 501).

As relações memorísticas de poder se conflitam na indiferença dos saberes, tidos como superiores e inferiores que qualifica o Reisado como um conhecimento de aprendizagem e ensino subalternizado, sendo assim a arte do presente e as vidas nas fronteiras.

Muitas vezes ao contemplarmos os festejos a São Sebastião, não entendemos por que aquelas pessoas dançavam e brincavam com seus instrumentos como: bumba, caixas (pequeno tambor), pandeiro, gaitas, violas, triângulos e pratos velhos de esmalte, que produziam um som estranho. As músicas difíceis de compreender em muitas vozes roucas, que assim ocorrem para demonstrar a fé e agradecer o Santo pelas bênçãos recebidas ao longo dos anos.

As pessoas iletradas trazem uma riqueza de detalhes de suas vivências por meio da oralidade e muitas vezes se perdem ou caminham em um mundo paralelo ao dos letrados. A memória que carrega a história de um povo e suas experiências humanas além de ser um método usado antes do surgimento da palavra escrita, para guardar e resguardar as expressões sagradas e profanas de grupos ou sociedades e suas formas de organização. A memória é um fenômeno móvel a partir da materialização na sociedade, segundo Michel Pollak (1989, p.2) a memória mesmo que seja individual é constituída em um espaço coletivo, de acordo com as concepções de Maurice Halbwachs a memória é algo coletivo e submetido a mudanças constantes.

A escolha do festejo de São Sebastião em Itagimirim-Ba como corpus deste trabalho se deu com a finalidade de analisar a cidade Itagimirimense, a partir das suas manifestações

populares e suas práticas em relação aos rituais religiosos festivos étnicos e raciais e ver nessa prática cultural uma possibilidade de diversos saberes que podem ser levados para o ensino formal. Uma demonstração de fé e devoção desenvolvida por trabalhadores rurais e urbanos, pessoas simples que migraram de outras regiões. Os fiéis, umbandista e do catolicismo negro que organizavam o festejo de São Sebastião, também contribuíram para a origem e desenvolvimento da cidade Itagimirense, promovendo manifestações culturais.

O cortejo dos foliões representava um espaço de respeito e de trânsito de duas religiões, Igreja Católica e Centros de Umbanda, que mantinham a tradição e a socialização no festejo. Quando os ternos de reisado chegavam aos salões de Umbanda, no envolvimento do batuque e danças; nos ritmos das palmas dividem o mesmo espaço para realização do louvor, cada um com sua fé e devoção. A contribuição da cultura afro-brasileira no Reisado de São Sebastião era bastante evidente.

Inicialmente denominada por Manga Velha, alterando-se para Itagi e posteriormente Itagimirim, tornou-se ponto de pouso para tropeiros que faziam comércio entre Minas Gerais e a atual Costa do Descobrimento na Bahia, alguns moradores antigos como o Itagimirense Carlos Kahê (2002) afirma que:

Encravada no seio daquela floresta, Itagimirim estava longe de ser um dos melhores lugares do mundo. Porém, no início dos anos 50, muito orgulhava os seus moradores, atraía famílias de longe pelo clima aprazível e, naturalmente, pela forte concentração de riqueza natural: ipê e jacarandá. Pela manhã era impossível não sentir a fragrância e frescor que a mata liberava para o vale do limoeiro e pequeno córrego da prata (KAHÊ, 2002, p.33).

O povoado que originou Itagimirim surgiu como um local de parada dos tropeiros (alguns deles, os foliões de Reisado), devido à proximidade com o rio limoeiro. Homens que transportavam mercadorias foram atraídos pelas águas cristalinas do riacho, solos férteis e riquezas naturais em ambulância. Segundo dados do IBGE, em 1952 concentrava-se uma grande feira que atraía gente de diversas localidades aos sábados, os dados ainda descrevem:

Em meados dos anos 40 do século passado o comércio cresceu, momento que já existia uma rua, parte da atual Avenida 13 de maio, concomitante ao declínio da exploração de madeira veio à interrupção do ritmo de crescimento do povoado, por volta de 1947 marca-se a chegada do primeiro médico em Itagimirim e a instalação da primeira farmácia, na atual Praça Castro Alves (...) (IBGE.2014)



Uma memória viva e presente no cultural, nos rituais, nos modos de viver, mesmo que ressignificada as identidades culturais ou lapidadas com saberes afros e indígenas, esse “entrelugar” se tornou uma estratégia de coletividade uma nova ideia de sociedade neste extremo baiano, segundo Bhabha:

(...) o afastamento das singularidades de "classe" ou "gênero" como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual - que habitam qualquer pretensão a identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial e a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entrelugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 20).

A construção de cada pessoa dentro de um grupo é entrelaçada na identidade cultural coletiva onde os foliões e folionas do reisado vão ensinado à arte de criar e manusear seus instrumentos, nesse sentido os conhecimentos nos espaços não formais de ensino como o Reisado de Itagimirim, necessita de todas as partes do corpo para constituir a aprendizagem, movimentos nos ritmos da memória e fazeres cultural.

1. Saberes das folias de Reisado Itagimirense

As folias de Reisado esta relacionada com aspectos históricos, socioculturais e econômicos de diferentes regiões do Estado da Bahia e em outros Estados como Goiás. As cantorias sejam rezas ou sambas de contradança em forma de rodas faz parte das expressões populares da já citada Costa do Descobrimento na Bahia. O Reisado é uma manifestação em movimento com musicalidade coreográficas, poética e festiva que consegue atrair várias faixas etárias e entre sexos.

Presente em vários Estados Brasileiro é plural em sua composição e organização, as peculiares de cada região tornam as folias de Reisado vivas e presentes na

contemporaneidade. Assim como especifica Beatriz Tomaz Ruela, sobre as rodas como espaços de aprendizagem:

A roda de samba é um espaço de interlocução, onde sentados em roda ou entorno dela, todos se veem. Além de ser um espaço em que, desde a ancestralidade, diversos povos reúnem para conversar e compartilhar seus saberes. As manifestações populares possuem uma metodologia que não é baseada na escrita, mas nos códigos de determinada cultura, em que o processo de ensino-aprendizagem se dá pela oralidade, transmissão inversa a da escola, cuja educação é centrada no mestre (RUELA, p.59, 2012).

Os olhares das crianças sempre atentos ao cantar e dançar faz dos aprendizados em roda uma forma educacional viva e sonora das memórias ancestrais, para a autora Beatriz T. Ruela “(...) São essas singularidades que possibilitam nas rodas de samba agregar crianças, idosos e jovens num mesmo ambiente”. Pois estes ambientes desenvolvem currículos de aprendizagem e ensinamentos que propaga saberes das memórias criando identidades e sociabilidades comunitárias, seja no samba ou nas rodas dos foliões do Reisado.

A estrofe principal, em certos casos, chamada de contradanças assim como o movimento das danças, pode ser cantada por um ou dois cantores com certo grau de especialização, enquanto a resposta ou relativo - trata-se de termos locais - pode ser cantada por todos os presentes ou, às vezes, por dois cantores também especializados. As estrofes são relativamente curtas, podendo ser de um único verso, e raramente indo além de oito versos. Há ocorrência eventual de improvisação verbal. Existe um repertório de estrofes conhecidas pelos participantes, que no caso de canto individual, e eventualmente em dupla, podem ser acionadas.

As contradanças podem acontecer nas ruas, casas, avenidas e praças. A coreografia sempre feita em forma de roda, não varia, os participantes fazem movimento formado um oito aos sons dos instrumentos e seu compasso, participando homens, mulheres, crianças e idosos, tanto na cantoria, quando no manuseio dos instrumentos. O cantar e o dançar são uma sociabilidade, identidade no movimento da bandeira sagrada, acareando diversos sentimentos como relata Sr. Manoel folião:



É uma festa que eu adorava muito e gostava, para mim era muito importante, quando chegava o mês de janeiro se fosse para ficar o mês todo no Reisado, para mim que era bom (Sr. Manoel, entrevistado, 12-06-2012).

Os momentos festivos de 10 a 20 de janeiro eram esperados pelos foliões com muitas expectativas durante o ano como na fala transcrita do Sr. Manoel folião, uns arrumavam os instrumentos musicais, colocando couro nos bumbas e caixas (pequeno tambor), outros afinavam as gaitas, verificavam os vestuários, organizavam também os centros de Umbandas, os Cavalos e os jegues (asno) para deslocarem e os detalhes que efetivam o festejo. As vivências cotidianas e os momentos festivos eram elementos que contribuíram para a permanência das folias de Reisado a São Sebastião em Itagimirim, assim como as relações sociais e o processo de transformações na zona urbana, além de abrangerem a visão de mundo daqueles sujeitos.

No começo de cada de ano, no momento das janeiras, que homens e mulheres enfeitam os salões com fitas de panos coloridos. Assim fazendo com os chapéus de palha rodeando fitas de cores simbólicas aos grupos: o verde representa o pedido de uma boa colheita para o ano que inicia e também pedindo proteção ao protetor das matas Oxóssi, o branco a paz e pureza para o corpo tão cicatrizado do árduo domínio da terra e das plantações, o amarelo o poder do sol e sua força em tempo de secas, o vermelho o manto de luta e guerra, o vermelho representa as lutas políticas e afirmativas de estar cultuando está arte desde a década de 60 do século XX, nas zonas rurais e urbanas; nas ruas, ladeiras e avenidas da cidade, .

A foliona de Reisado a Sr.^a Maria Conceição descreve que no ano de 1960 o cortejo e movimento sagrado tinham uma grande beleza, “antes o festejo era bonito iluminado por candeeiro, porém como o vento apagava a chama, seu pai desenvolveu um instrumento com pedaço de bambu onde tinha uma vela no meio e ao redor do oco com papel luminoso”. Possivelmente a beleza do cortejo sofreu mudanças com a chegada da energia elétrica.

No vibrar dos tambores no tocar das gaitas esta arte de rua chamada Reisado, é singular, pois os tambores e seus sons que dar o compasso para o movimento dos corpos, as folias de Reisado é um modo de vida de pretos e pretas, indígenas e migrantes e desenvolveu características peculiares na Costa do Descobrimento. Estudando a musicalidade nas relações culturais a diáspora dos brasileiros da Costa Atlântica africana Salomão Jovino da Silva

(2017, P. 152) destaca “A música como labor estético e também mediadora das relações humanas, surge aqui como forma privilegiada de comunicação em sociedades complexas, tal como são as sociedades africanas e brasileira”.

Nascido dos terreiros de umbanda esta expressão de arte com fundo religioso, relaciona fortemente com o cotidiano dos foliões, estes e estas: cultivadores de plantações, carpinteiros, vaqueiros, ferreiros, pedreiros, lavadeiras, rezadeiras, curandeiros, parteiras, fora do calendário festivo. Porém no momento dos festejos denominados foliões e folionas cantadoras, criam seus próprios instrumentos musicais e domina arte harmônica das gaitas, caixas percussiva, pandeiros e do bumba, ao caminhar pelas ruas, anualmente o Reisado com seus batuques e cânticos também com movimentos corporais realizados por homens e mulheres, festejam em cortejo, descendo e subindo ladeiras.

Pertencentes a uma herança cultural, revelava sua apropriação das tradições e crenças que a ele foram transmitidos de uma geração a outra, ao revelarem essa expressão significa dizer que a memória familiar e suas práticas devocionais serão mantidas e repassadas pelas crianças que estavam presentes no louvor em homenagem à divindade. Em seguida a imagem de grupo de Folias de Reisado, Casa de rezas de Dona Maria Silva.



Imagem 1 – Foliões e Folionas do centro de Ogum realizando contradança.
Fotografia de Jairo V. de Castro 2017³.

³ Foi utilizada a Imagem 1, do louvor a São Sebastião do ano de 2017, devido à falta de fonte fotográfica, para enfatizaram a transmissão dos saberes festivos, dos costumes e crenças as novas gerações, garantido a permanência e movimento da manifestação de fé.



Mesmo que cada geração contribua com mudanças no interior de movimentos culturais, são estas continuidades que fazem sincretizar com a modernidade, uma prática não diferente ao Reisado, o significado do louvor embasado pela fé estava presente no movimento da manifestação religiosa, o dançar, o cantar se relacionavam nos gestos dos corpos e no manuseio dos instrumentos. Os saberes e memórias eram compartilhados, perpassavam de gerações, saberes, costumes, crenças transmitidas através das festividades e também para comunidade era um momento de alegria e fé.

Descrevendo o direito à diferença, a partir das festividades de comunidades negras rurais evidenciando os usos e costumes ali presentes, a dinâmica de criação e recriação cultural afro-brasileira, refletindo sobre o papel das festas e comemorações religiosas, Glória Moura evidencia que:

Nas festas, os valores que a comunidade reputa essenciais e que condensam esse saber são constantemente reafirmados e renegociados, constituindo, assim, um *currículo invisível* por meio do qual são transmitidas as normas do convívio comunitário. Sem uma intenção explícita, esse *currículo invisível* vai sendo desenvolvido, dando às crianças o necessário conhecimento de suas origens e do valor de seus antepassados, mostrando quem é quem no presente e apontando para as perspectivas futuras (MOURA, 2005, p. 70).

As comunidades negras, indígenas e migrantes e suas festividades ao compartilhar seus conhecimentos, sincretiza seus saberes memorizados a modernidade, pois as crianças e jovens criam nos ecos dos ensinamentos e aprendizagem signos de identidades para dar continuidade os cortejos festivos socioculturais.

Pedroza (2013) ao estudar as folias de São Sebastião na Comunidade Quilombola Magalhães em Goiás, também percebeu os ensinamentos sendo transmitidos como a reza, o tocar de instrumentos como a viola dentre outros pela oralidade. Esses diversos saberes sendo transmitidos através das diversas gerações.

A própria dinâmica do terreiro em ensinar as crianças às tradições culturais como tocar um instrumento musical e os rituais do reisado, contribuíam para a continuidade da memória coletiva, sendo passada de uma geração a outra. Pois ser tocador de Bumba, Pandeiro, Caixa ou Gaita naquela época era uma forma de sobrevivência e de emprego. Nas festas de reisado ou juninas realizadas em residências, eram contratados músicos para animar. As práticas festivas em homenagem a um Santo, ou o próprio ato de ensinar e aprender os rituais e seus

elementos como tocar bumba ou gaita, compartilhados e desenvolvidos pelos grupos constitui-se saberes que eram transmitidos pela memória intergrupais.

Quando saiam às ruas para expressarem as devoções os grupos de Reisado na sociedade Itagimiriense, faziam das suas manifestações religiosas um momento para pedirem proteção e chuvas em seus roçados, momento que também se caracterizou como descanso e divertimento no evento cotidiano, o cortejo a São Sebastião era lugar de memórias compartilhadas. Segundo Ecléa Bosi (1994, p. 54) “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

A música instrumental percussiva, os cantos e danças, os movimentos socioculturais, expressões e costumes criaram signos de identidade e perpetuaram e manteve as diferentes manifestações com a musicalidade, cortejos, religiões, ideias e modos de viver em sociedade. Para Salomão Jovino (2017, P. 167) a musicalidade tem papel na manutenção dessas identidades, “(...) um repertório canônico de cânticos, louvações, poemas épicos e execuções instrumentais ritualísticas realizadas por conjunto musical (...)”. O ato de ensinar com música tornou-se o aprendizado dinâmico e descontraído e assim a memória fixa os saberes necessários para vivências e permanências dos grupos socioculturais populares.

O canto nascido do silêncio, das dores e alegrias dos episódios do viver, ou das brincadeiras grupais, tornava-se mantos de rezas em forma de cantoria, alimentando a alma, fortalecendo o corpo de energia para resistir à manutenção de violência dominante. Suas brincadeiras nas rodas de contradanças a musicalidade e batuque no cantar envolvendo os corpos, fazendo esquecer o árduo do trabalho forçado nas lavouras. A musicalidade descrita por Salomão Jovino da Silva (2017) como um instrumento que rompe as fronteiras culturais, segundo ele:

A música, fato sonoro-acústico, acabava transbordando do espaço ritual das matas e terreiros, das senzalas e mocambos e alcançava a Casa Grande. Os sons mais altos dos tambores ressoavam longe e atingiam a cidade, penetrava dissonante na civilidade pretendida e incomodava e acionava os ouvidos das várias intolerâncias (SILVA, 2017, p. 150).



A música fortalece também uma coletividade, pois como é bonito quando um terno de Reisado canta na porta de uma residência, os foliões dizem quando escutam o vibrar do bumba, toques da caixa percussiva, ou chocalhar de um pandeiro, além dos sons de gaitas de reisado, ficam maravilhados procurando a direção e lugar de onde parte aquela sonoridade. Mesmo diante de conflitos e as possibilidades de viver e plantar em terras férteis garantindo uma vida digna, esses grupos buscavam a felicidade e paz interior em suas manifestações de fé, festa e festejo.

As folias de Reisado Itagimiriense como integrante de espaço não escolar de memória, presente e viva, e seus saberes se construiu em um movimento de arte na rua que usa cada passo e compasso, uma contradança dos corpos de batuques musicais do bumba, caixa (pequeno tambor) e pandeiro, uma sensibilidade mental e espiritual que direciona cada movimento de resistência e luta cultural, social e econômica, suas danças seus cantos ecoam em membros e lugares por onde passa fazendo surgir sentimentos corporais preservados pela memória, a identidade exala.

Considerações Finais

Nos relatos orais de cada folião devoto a fala é a mesma, “o reisado conheci com meus avos é um divertimento, uma paixão a São Sebastião um santo guerreiro que livrou o povo das pestes e a aflições”, as práticas, as memórias, o cantar e o dançar do movimento dos foliões é tão presente e vivo deste sempre dizendo você é também africano e indígena.

Nascida a partir das memórias originaria de África, principalmente os cortejos aos reis negros, não uma forma importada, mas uma reconfiguração "nas Áfricas no exílio", sendo recriada com signos de identidades de encontros que envolveram povos indígenas e ecos culturais. Um instrumento de reconstrução do mundo para seus foliões e adeptos, um instrumento mágico que faz chover ou que espanta as pragas, um instrumento filosófico que traduz um conceito e divulga uma sabedoria que possibilita o amor, o prazer, o paladar, diante desses vários modos de vidas e possibilidades que se encaixa o Reisado festivo a São Sebastião em Itagimirim Bahia.



Entretanto ao sinalizar o Reisado como movimento da identidade negra que foi construindo entre os conflitos e intercâmbios da memória cultural e também salientando as várias negociações e resistências que os indígenas, negros e migrantes, tiveram com o projeto de dominação do colonizador e com o nascimento da república dos marechais. Permitindo algumas expressões e costumes regionais e populares como as folias de Reisado, saberes que caminharam vivos e pertencentes à cultura e identidade brasileira e que suas influências econômicas, culturais, contribuíram no desenvolvimento social e identitário uma regionalidade pulsante.

Mesmo apontados esses saberes e sua importância de serem estudados em salas de aulas, os professores recusam a trabalhar as relações étnicas e raciais, a falta de preparos em trabalhar esses saberes com os alunos, sejam por suas concepções sociais, ou mesmo seus cursos de formações que não contribuíram com leituras relacionadas à temática.

Referências

ABREU, Marta. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Marta. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Martha Abreu & Rachel Sohiet (orgs). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. FRAGA, Walter Filho. Uma história do negro no Brasil. Salvador: **Centro de Estudos Afro-Orientais**; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG. 1998.

CANCELA, Francisco Eduardo Torres. De projeto a processo colonial: Índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga capitania de porto seguro. (1763-1808). **Tese Doutorado**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em História, Salvador, 2012.

CANCELA, Francisco. A presença de não-índios nas vilas de índios de porto seguro: Relações interétnicas, territórios multiculturais e reconfiguração de identidade – reflexões iniciais. Artigo. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 42-61, jul./dez.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. CONSELHEIROS: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Relatora),



Carlos Roberto Jamil Cury, Francisca Novantino Pinto de Ângelo e Marília Ancona-Lopez. Brasília-DF, 10 de março de 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro: DP& A. 2006.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: www.ibge.gov.br acesso dia 06-05-12 às 13h00min.

IBGE. <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=291530&search=||info%EDpio> acesso 11-11-2014, as 00:42 horas.

IBGE. **Censo demográfico**: dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. – Rio de Janeiro: IBGE, 1982 – 1983. 26 V.: tab. – (Recenseamento geral do Brasil 1980, 9. V. 1, t. 4) pg. 21. 86- 87.

JUNGE, Peter. HUG, Alfons. **Arte da África**. Centro cultural Banco do Brasil. Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, 2003/2004.

KAHÊ, Carlos. **Sangue na rua das flores**. Helvécia. 2002.

MAIA, Eduardo Santos. **Impressões de viagem de Belmonte à Arassuaí: Sul da Bahia e Nordeste de Minas**. 2ª ed. São Paulo: Ed. CEDIPUS, 1936.

MORAES FILHO, Melo. **Festas e Tradições populares do Brasil**. Prefácio de Sílvio Romero. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. pp.69-75. (Revisão e notas de Luís da Câmara Cascudo).

MOURA, Glória. **O Direito à Diferença**. Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada. Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Nilson do Carmo A. **Cachoeirinha**: Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeirinha do Baixo Jequitinhonha – Brasília, 2010.

OLIVEIRA, Luiz F. Mendes & TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Patrimônio, turismo e desenvolvimento: um estudo sobre a puxada do mastro de São Sebastião em Olivença, Ilhéus-Bahia**. In: CULTUR, ano 11 - nº 03 – Out/2017.

PEDROZA, Reigler Siqueira. **A performance da folia de São Sebastião [manuscrito]**: aspectos simbólicos de um ritual na comunidade Quilombola Magalhães – GO. Universidade Federal de Goiás: dissertação de mestrado em Ciências Sociais, 2013.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. Conferência foi transcrita e traduzida por Monique Augras. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RUELA, Beatriz Tomaz. Ultrapassando os limites das instituições: a roda de samba como espaço de educação não formal. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v.7, n.7, p. 56 - 62, jan. - jul. 2012.

SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. Vozes e versos quilombolas uma poética identitária e de resistência em Helvécia. **Tese de doutorado**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande



do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Doutorado Interinstitucional (DINTER). Porto Alegre, 2014.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves E. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil étnico-raciais no Brasil**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SILVA, Salomão Jovino da. As culturas musicais dos retornados, ou brasileiros da Costa atlântica africana. **Cultura afro-brasileira: temas fundamentais em ensino, pesquisa e extensão** [recurso eletrônico] / organização José Carlos Gomes da Silva, Melvina Araújo. - 1. ed. - São Paulo: Alameda, 2017.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Territorialidades negras na cidade de São Paulo: lugares de memórias, sonoridades, tempos e pessoas**. Cultura afro-brasileira: temas fundamentais em ensino, pesquisa e extensão [recurso eletrônico] / organização José Carlos Gomes da Silva, Melvina Araújo. - 1. ed. - São Paulo: Alameda, 2017.

SOUZA, Marina Mello. “Catolicismo negro no Brasil: santos e *minkisi*, uma reflexão sobre miscigenação cultural”. In: Salvador, UFBA: **Afro-Ásia**, 28 (2002), 125-146.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 31 de maio de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 11 de junho de 2020.